

Sebastião Vargas*

**COM A ARMA DA PALAVRA:
TRAJETÓRIA E PENSAMENTO DO SUBCOMANDANTE MARCOS****

Resumo: Este artigo trata de aspectos da construção do discurso e da ideologia dos zapatistas, com a finalidade de identificar pontos que possam diferenciar o Exército Zapatista de Libertação Nacional dos movimentos de guerrilhas latino-americanos tradicionais, e aponta para as propostas do movimento zapatista, dentre elas, o uso tático dos meios mais avançados de comunicação tecnológica - a internet- e o manejo da arte cenográfica, como uma das estratégias de aproximação e inserção na sociedade mexicana e da esquerda, de maneira geral.

Palavras-chave: Exército Zapatista de Libertação Nacional, Guerrilha pós-moderna, México.

Abstract: This article addresses aspects of the Zapatistas' construction of discourse and ideology, aiming at identifying points that may differentiate the Zapatista Army of National Liberation from the traditional Latin-American guerrilla Movements and points to the proposals of the Zapatista movement, among them, the tactic use of the most advanced means of technological communication – the internet and the use of scenographic art, as one of the strategies of inclusion in the Mexican and left society, in a general way.

Key-words: Zapatista Army of National Liberation, Post-modern Guerrilla, Mexico.

1º termo: tese – o homem natural

2º termo: antítese – o homem civilizado

3º termo: síntese – o homem natural tecnizado.

Oswald de Andrade

O Exército Zapatista de Libertação Nacional é um movimento armado diferente das guerrilhas latino-americanas tradicionais. Não se propõe a conquistar o poder pelas armas e também não se propõe a lutar como partido político ao lado de outros partidos políticos

*

** Este texto é uma versão ampliada do trabalho apresentado nas XII Jornadas Internacionais sobre as Missões Jesuíticas: “Interações e sentidos da conversão”, ocorridas em Buenos Aires de 23 a 26 de setembro de 2008. A pesquisa que gerou o trabalho contou com o apoio dos seguintes bolsistas, alunos do Curso de Graduação em História da Unisinos: Deise C. Schel (PIBIC), Davi Isaque Jardim (BIC FAPERGS) e Fernanda Giroto (BIC UNISINOS).

tradicionais para ocupar lugares no governo: sua proposta é a construção ascendente de uma sociedade cooperativa e solidária.

Uma das grandes novidades que se manifestou neste levante, original em muitos aspectos, se deu no nível tecnológico das comunicações: a intensa utilização dos microcomputadores no contato entre a guerrilha e a opinião pública internacional por meio do uso da *internet*. Os zapatistas conseguiram se manter em contato com numerosos grupos políticos, acadêmicos, de direitos humanos e de solidariedade de todo mundo. Como resultado dessa “corrente cibernética”, os zapatistas e simpatizantes conseguiram reunir grande apoio internacional e organizar um movimento nacional que pressionou na capital mexicana para deter os bombardeios da aviação do governo.

Com menos de duas semanas de aparição pública, esses misteriosos guerrilheiros provenientes de um dos mais esquecidos e miseráveis estados mexicanos conseguiram tal nível de empatia com a população civil mexicana que, em 12 de janeiro de 1994, realizou-se uma gigantesca manifestação na Cidade do México (os jornais locais informaram mais de 100.000 pessoas) pedindo a paz em Chiapas.

A detecção e a divulgação dos planos para executar a segunda contra-ofensiva generalizada das tropas do governo, que muito provavelmente aniquilaria a resistência armada da guerrilha (e conseqüentemente causaria um enorme massacre étnico devido à desproporção exagerada das forças) provocaram outro movimento na opinião pública nacional e internacional cuja repercussão no governo acabou abortando também essa grande operação militar.

Desse modo, vemos que o movimento zapatista busca uma espécie de “contaminação simpática” e faz dessa contaminação uma de suas principais estratégias, cuja palavra é a expressão mais eficaz. Os comunicados foram de fato a arma que mais infligiu perdas ao inimigo e que, ao mesmo tempo, dentro do contexto da sociedade mexicana e da esquerda de forma geral, a que mais abriu novos horizontes. Cunhada de “conflito essencialmente comunicativo”, “rebelião da palavra”, “guerrilha pós-moderna”, “guerrilha virtual” ou “reformismo armado”, o fato é que o zapatismo e suas inovações nesse terreno tático – sobretudo às relacionadas com o uso dos comunicados, com o manejo de símbolos e com a arte cenográfica – resultam surpreendentes pela eficácia, imaginação e pelo seu talento em minimizar o derramamento de sangue. No entanto, essas inovações – e

a estratégia de “persuasão” - só foram possíveis por causa da ameaça das armas. Os líderes do EZLN consideravam que o decisivo em uma guerra não é o enfrentamento militar, mas a política que se coloca em jogo nesse enfrentamento. O EZLN não necessitava disparar suas armas, mas necessitava possuí-las.

Os escritos do Sucomandante Insurgente Marcos

“Felizes os povos que podem ter líderes capazes de combinar tão bem o verbo que esclarece e a atuação que se destina a resolver os graves problemas da sociedade” escreveu Antônio Cândido, referindo-se ao subcomandante Marcos. E mais:

[...] homem de cultura e de luta, capaz de plantar no meio da argumentação ideológica um soneto de Shakespeare; capaz de juntar à eficiência estratégica do guerreiro tanto o discernimento do político, quanto a eloquência do escritor; que sabe fazer tudo isso sem solenidade convencional, porque são dele o sarcasmo, o bom humor e uma espécie de familiaridade, que torna a sua palavra acessível e alentadora.¹

De fato, o subcomandante Marcos realiza formidavelmente uma síntese entre o líder político, o estrategista militar e o escritor inspirado. Dono de uma pena leve e de “estilos” que variam de acordo com as circunstâncias, Marcos renovou o discurso revolucionário que padecia certa orfandade desde o colapso do socialismo no leste europeu e o refluxo da revolução centro-americana.

Figura que mobiliza diversos imaginários, Marcos se utiliza bem da liberdade que a máscara lhe confere. Ele disfarça:

Marcos é gay em San Francisco, negro na África do Sul, asiático na Europa, chicano em San Isidoro, anarquista na Espanha, palestino em Israel, indígena nas ruas de San Cristóbal, judeu na Alemanha, comunista no pós-guerra fria, pacifista na Bósnia, mapuche nos Andes, artista sem galeria nem portfólios, dona de casa num sábado à noite em qualquer bairro em qualquer cidade de qualquer México, guerrilheiro no México do fim do século XX, machista no movimento feminista, mulher sozinha no

* Doutor em História Social pela USP, pesquisador do Laboratório de Estudos da Intolerância (LEI) da USP e professor de História da Universidade Estadual do Amazonas (UEA).

¹ CÂNDIDO, Antonio. “A luta e a palavra”. In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. (org.) *CHIAPAS: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 49.

metrô à noite, aposentado durante um ato no Zócalo, camponês sem terra, estudante inconformado, editor marginal, trabalhador desempregado, médico sem praça, dissidente do neoliberalismo, escritor sem livro e leitores, e, seguramente, zapatista no sudoeste mexicano. Enfim, Marcos é um ser humano qualquer neste mundo. Marcos é todas as minorias intoleradas, oprimidas, resistindo, explodindo, dizendo já basta! Todas as minorias na hora de falar, e majorias na hora de calar e agüentar. Todos os intolerados procurando uma palavra, sua palavra, o que devolva a maioria aos eternos fragmentados, nós. Tudo o que incomoda o poder e as boas consciências, isso é Marcos. De nada senhores da Procuradoria Geral da República, estou aqui para lhes servir... com chumbo”.²

Durante vários meses os serviços secretos mexicanos tentaram em vão descobrir a verdadeira identidade do líder mascarado. As supostas identidades que apareciam freqüentemente na mídia já estavam tornando-se motivo de pilhéria: um ornitólogo franco-venezuelano, um alto funcionário das telecomunicações, um ativista vinculado à guerrilha peruana do Sendero Luminoso, dois jesuítas, um filho de um antigo governador de Chiapas. A lista se completa com um ruivo de olhos claros, alguém com 1,9 metros de altura, um homem de 66 anos, um manco, um *hippy* cabeludo e três mexicanos muito mais morenos que o homem de passa-montanhas.³

Foi somente em fevereiro de 1995 que, ao que tudo indica através da delação de um antigo companheiro de armas - o subcomandante Daniel – o presidente mexicano Ernesto Zedillo, com grande estardalhaço, anuncia aquele que seria considerado o verdadeiro nome do misterioso guerrilheiro: Rafael Sebastián Guillén Vicente, antigo professor de artes gráficas da Universidade Autônoma Metropolitana do México. Seguindo essa “biografia oficial” Rafael Guillén nasceu em junho de 1957, em Tampico, no estado de Tamaulipas, o quarto de uma família de oito irmãos. Em 1977, inscreveu-se na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autônoma de México (UNAM). Em novembro de 1980, defendeu uma tese “*Filosofía y Educación: prácticas discursivas y prácticas ideológicas*” com grande inspiração em Foucault. Esteve na Europa, em Cuba e na Nicarágua até perder definitivamente o rastro em 1984, quando se incorporou na recém formada célula

² EZLN: *Documentos y comunicados*. (vol. 1). Op. cit., p. 243.

³ DE LA GRANGE, Bertrand; RICO, Maite. *Marcos, la genial impostura*. México: Aguilar, 1997.

chiapaneca das *Fuerzas de Liberación Nacional* (FLN), organização guerrilheira formada em 1969.⁴

Para o historiador dos imaginários sociais o caso de subcomandante Marcos é emblemático, o que não diminui o peso de personalidades como as dos comandantes Tacho (tojolabal), Abraham (tzental) e Abel (chol), para ficarmos apenas com três nomes dentro do EZLN. Muito do fascínio exercido pelo chefe guerrilheiro se deve à “multiplicidade” de significados que sua figura alimenta. Como ele mesmo diz, com certa ironia, “sou um mito genial”. Geralmente a cavalo, com a indumentária completa: gorro “passamontañas”; cachimbo; uma velha boina estilo Mao Tsé-Tung, com as três estrelas vermelhas e o igualmente gasto (datam de sua primeira estada na selva do fim de 1983) lenço vermelho no pescoço; as imensas cartucheiras *a la Zapata* (ou Lampião) nos ombros; o aparelho de rádio; um relógio em cada pulso e o moderno fuzil (um M-16, calibre 5.56mm, com seletor de cadência e alcance efetivo de 460 metros, além de mira telescópica e carregador de tambor com 90 tiros), entre discreto e ameaçador. Sua imagem remete a imaginários diversos, porém poderosos: a do rebelde justiceiro e guerreiro (Robin Hood ou Zorro modernos); a do sábio (cujo atributos são os dons da fala e da escrita e o símbolo mais evidente o cachimbo); a do revolucionário-guerrilheiro que recupera e revitaliza um dos maiores “mitos” latino-americanos do século XX que foi o Che Guevara, isso tudo misturado a uma exótica e misteriosa condição indígena, simbolizada pelo uso dos “bastões de mando” e da máscara, de variados significados na cultura tradicional mexicana. Signo da fusão entre os dois universos, o urbano, culto, marxista e ocidental com o indígena e mítico sem deixar de ser contemporâneo, é a linguagem sincrética do subcomandante Marcos. Atrás da máscara que lhe permite muitas personalidades, juntam-se diferentes estilos literários, linguagens heterogêneas, capazes de produzir textos inclassificáveis pela leveza e rapidez na troca de tom e conteúdo. Neles podemos detectar e analisar uma grande variedade de influências, tradições e ecos.

Os comunicados atuais do subcomandante Marcos são muito distintos – na forma e conteúdo – dos primeiros comunicados que saíram com a rubrica do EZLN. Desde 1983, até início dos anos noventa, “Exército Zapatista” era apenas o nome dado à divisão

⁴ DÍAZ, Carlos Tello. *La rebelión de las cañadas*. México: Cal y arena, 1995, pp. 176-180.

chiapaneca das *Forças de Libertação Nacional* (FLN), que supostamente organizavam outras divisões armadas em todo o país.

O zapatismo se constituiu como um movimento profundamente inovador e original ao realizar a fusão de três elementos: o pequeno grupo urbano de militantes decididos a iniciarem uma guerra de guerrilha; uma “vanguarda” de militantes chiapanecos experientes e politizados (muitos deles com atuação na igreja católica⁵); e o vasto e multiforme movimento indígena de colonização da região da Selva Lacandona. A especificidade desta mistura pode ser observada no discurso zapatista, que mescla elementos da tradição marxista e das lutas de libertação nacional, com elementos da história nacional mexicana e da cultura indígena dos maias de Chiapas.⁶

A própria estrutura organizativa do EZLN, com os mandos militares subordinados às “autoridades civis” das comunidades e o esforço em consultá-las a cada impasse nas negociações entre o EZLN e o governo mexicano, demonstra como este ‘exército’ singular tenta aplicar a si mesmo os princípios da uma democracia radical. Democracia, aliás, e não socialismo, que desde o princípio foi uma das demandas centrais dos insurgentes. Para se compreender o zapatismo há que se considerar três dimensões ou facetas que se interpenetram e se alimentam simultaneamente: a primeira é a dimensão local, com as demandas agrárias e étnicas tomando um lugar central nas reivindicações dos insurgentes; a segunda é a dimensão do zapatismo enquanto impulsor de um movimento nacional que aspira inicialmente conquistar uma democracia de fato (contra a “ditadura perfeita” de mais de 80 anos do PRI) e construir um novo e alternativo projeto popular para o país, “*a la izquierda y abajo*”; a terceira dimensão da luta dos zapatistas aparece em âmbito latino-americano e global, com certo impacto sobre os movimentos indígenas da região e, principalmente, na considerável sedução e influência sobre a juventude do chamado movimento “anti-globalização” europeu e norte-americano.

O EZLN conseguiu realizar, na década de 1980, um profundo e paciente trabalho de “auto-constituição” de sujeitos sociais em tempos de paz (na clandestinidade e no segredo)

⁵ “Penetraron al maoísmo y a la acción pastoral y ganaron para la causa a los propios catequizadores, fundiendo lo sagrado y lo profano en una nueva síntesis revolucionaria”. CAM, Jorge Lora. *El EZLN y Sendero Luminoso: radicalismo de izquierda y confrontación político-militar en América Latina*. México, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999, p. 92.

⁶ Sobre a constituição e características do EZLN ver: DÍAZ-POLANCO, Héctor. *La rebelión zapatista y la autonomía*. México, Siglo Veiteuno Editores, 1997; e GEPETTO, Luis Condearena. *Chiapas: el despertar de la esperanza*. México, Gráficas Lizarra, 1997.

numa zona considerada estratégica em Chiapas. Mesmo após fazer sua aparição militar razoavelmente bem sucedida, o EZLN continuou desenvolvendo outras frentes estratégicas e convocando a sociedade civil a combater de várias formas.

O movimento zapatista floresceu numa região indígena onde sobrevivem e se reinterpretam antigas culturas nativas e soube aprender e resgatar a cultura do acordo, do consenso, a democracia direta, a consulta e a vigilância coletivas, reeducando-se e modificando-se enquanto organização revolucionária. Baseados na auto-sustentação (nunca recorrendo à expropriação, assalto ou seqüestro como forma de financiamento⁷) o exército zapatista é formado principalmente por uma massa jovem e marginalizada, moderna, multilingüe e com experiência de trabalho assalariado.

Custou certo tempo para a “sociedade civil”, dentro e fora de Chiapas, perceber que as tropas insurgentes somente eram a face militar de um amplo “movimento zapatista”. Logo atrás dos combatentes insurgentes, nos povoados das regiões de Los Altos e da Selva Lacandona, estavam a postos as chamadas “bases de apoio”. Estas “bases” são formadas por comunidades inteiras ou por setores mais ou menos importantes das mesmas. Somente depois do fim das hostilidades militares, ou seja, a partir de 12 de janeiro de 1994, os meios de comunicação e os analistas puderam fazer uma pálida idéia da amplitude do movimento zapatista que existia na clandestinidade, além dos combatentes visíveis. Porém rapidamente, todos tivemos na *Primeira Declaração da Selva Lacandona*, e em alguns outros documentos que a acompanharam, informação suficiente para conhecer alguns pontos da concepção político-militar dos insurgentes em seus pontos mais relevantes:

1) às armas se chega depois de esgotar todos os caminhos civis, legais e pacíficos; 2) a luta armada tem legitimidade constitucional, já que o artigo 39 da Constituição mexicana reconhece o direito do povo para modificar a forma de seu governo; 3) a luta armada não

⁷ O único seqüestro realizado por forças zapatistas, e que não apresentou nenhuma motivação financeira, foi o do latifundiário e ex-governador de Chiapas, R. Castellanos. Segundo o jornalista Igor Fuser, este governador “célebre no estado pelo seu autoritarismo repressivo é seqüestrado na sua fazenda por zapatistas e solto, depois de 45 dias de cativo numa quarta-feira de cinzas. A entrega do prisioneiro ao bispo Samuel Ruiz, numa cerimônia pública, torna-se um grande êxito de propaganda do EZLN. Castellanos tinha sido condenado à prisão perpétua, num julgamento revolucionário, por ter cometido ‘crimes contra o povo’. Ao libertá-lo, o EZLN anuncia que decidiu ‘comutar’ a sentença, para condenar o réu ‘a viver até o último de seus dias com a vergonha de ter recebido o perdão e a bondade daqueles a quem por tanto tempo humilhou, seqüestrou, roubou e assassinou’. Dom Samuel desenha, com cinzas, uma cruz na testa do homem que prometeu matá-lo”. FUSER, Igor. *México em transe*. São Paulo: Scritta, 1995, p. 62.

tem preponderância em relação a outros modos de ação política; 4) sua finalidade é instaurar a democracia no país por meio de um regime que garanta a justiça para todos os mexicanos; 5) o movimento não se estrutura a partir de uma ideologia definida e sim da confluência de forças sociais em torno de três grandes objetivos: democracia, liberdade e justiça; 6) a guerra é entre exércitos, se conduz de acordo com as convenções internacionais e, portanto, seus alvos devem ser exclusivamente militares.

A guerra que o EZLN previa seria necessariamente prolongada, não somente no seu âmbito militar, mas principalmente no político e ideológico. “Para quem resistiu por mais de 500 anos, algumas décadas não são nada”, confidenciou ao autor deste texto uma liderança indígena em Chiapas. Os zapatistas sabiam que para construir algo como “um mundo onde caibam todos os mundos” teriam que conquistar muitos “corações e mentes”.

A prosa do subcomandante – ágil, lúdica, moderna e libertária – contrasta com as idéias enquadradas na já então um tanto gasta retórica comunista-revolucionária, oriunda dos anos sessenta e setenta. Apenas alguns meses antes do levantamento de janeiro de 1994, os insurgentes zapatistas estudavam em seus cadernos as metas da guerra de libertação. Alguns regulamentos oficiais diziam: “o EZLN foi criado para conquistar por meio da luta armada a libertação nacional e nossa segunda independência, e não suspenderá a luta até instaurar em nossa pátria um regime político, econômico e social de tipo socialista”.⁸ Outros documentos, como os *Estatutos da FLN*, indicam bem qual a orientação ideológica da organização “a ciência da história e da sociedade: o marxismo-leninismo, que demonstrou sua validade em todas as revoluções triunfantes desse século”.⁹

A guinada ideológica e retórica do EZLN deu-se, ao que tudo indica, no início dos anos noventa, quando o EZLN, num turbulento processo interno de discussões e conflitos, se afasta das FLN, optando pela insurreição imediata. Nesse processo ganha poder e influência o subcomandante Marcos que se torna chefe militar e porta-voz do movimento, que passa a ter sua direção política no Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CCRI-CG). Esse comitê clandestino, composto por lideranças de todas as etnias indígenas que compunham o EZLN – tzetal, tzotzil, chol, tojolabal, mam e zoque - representava a vontade das comunidades

⁸ DÍAZ, Carlos Tello. (1995) Op. cit. p. 95.

⁹ Idem. ibidem, p. 98.

indígenas de Chiapas. Era a última expressão de uma fusão extremamente explosiva que viria a desembocar no zapatismo atual: o grupelho de guerrilheiros provindo das cidades viria a ser “engolido” pelo movimento indígena que retirava sua força e poder das comunidades. Com isso as teses de “ditadura do proletariado” perderam espaço para bandeiras como “democracia, liberdade e justiça” e as práticas políticas derivadas da tradição comunista, tais como o “centralismo democrático” cederam lugar a uma complexa rede decisória, onde a comunidade inteira teria voz, num modo que os zapatistas definiram como “mandar obedecendo”, democracia direta com os processos consensuais nas comunidades.

Os textos estritamente políticos de Marcos inscrevem-se na melhor da tradição do pensamento político latino-americano. Profundo conhecedor dos grandes manifestos políticos latino-americanos, Marcos parece privilegiar seu continente à tradição europeia. Segundo o escritor Carlos Fuentes, a linguagem do EZLN “já não é uma linguagem petrificada, dogmática, pesada, e sim uma linguagem muito mais fresca, nova, como a que expressa o subcomandante Marcos, que obviamente leu muito mais Carlos Monsiváis que Carlos Marx”.

No discurso político de Marcos encontra-se ecos dos maiores pensadores do socialismo latino-americano, a começar pelo peruano José Carlos Mariátegui – que Marcos nunca chega a citar – mas cujas reflexões e inovações, sobretudo no terreno da questão indígena são evidentes. Mas não somente a tradição do socialismo revolucionário é utilizada pelo guerrilheiro mexicano. Citações e homenagens à Frei Bartolomeu De Las Casas, Manuelita Sáenz, Simón Bolívar e José Martí são constantes em seus escritos e pronunciamentos. A relação de Marcos e do EZLN com a tradição revolucionária é, no mínimo, ambígua. Os próprios termos revolução e revolucionário aparecem matizados, principalmente no discurso zapatista. O subcomandante Marcos, líder militar, ideólogo e porta-voz oficial do movimento, prefere de assinalar o caráter “rebelde” do movimento em oposição aos “revolucionários”:

Nós nos definimos mais como um movimento rebelde que luta por mudanças sociais. O termo revolucionário não é tão apropriado porque todo dirigente ou movimento revolucionário tende a querer se tornar dirigente ou ator político. Enquanto que o rebelde social não para nunca de ser um rebelde social. O revolucionário quer sempre transformar as

coisas a partir de cima, enquanto o rebelde social quer transformá-las a partir de baixo. O revolucionário se diz: eu tomo o poder e, por cima, eu transformo o mundo. O rebelde social age diferente. Ele organiza as massas e, a partir de baixo, ele transforma pouco a pouco as coisas sem se colocar a questão da tomada do poder. O EZLN é um movimento insurrecional sem ideologia estritamente definida. Ele não corresponde a nenhum dos tipos políticos clássicos: marxismo-leninismo, social-comunismo, castrismo, guevarismo, etc. Nós pensamos que os movimentos revolucionários, mesmo os mais revolucionários, são no fundo arbitrários. O que deve fazer um movimento armado é resolver um problema – falta de liberdade – e depois sumir. Como nós tentamos fazer atualmente.¹⁰

Esta crítica ao termo e à prática revolucionárias não deixa de ser uma das ambigüidades do movimento, pois não é o subcomandante Marcos quem assina os comunicados do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional (CCRI – CG)?

Talvez um olhar para as origens ideológicas do atual EZLN ajude a compreender esse certo “ressentimento” do subcomandante com o clássico pensamento revolucionário. O EZLN representa a fusão de três elementos: um movimento indígena organizado e politizado com lideranças experientes e muitas vezes de inspiração maoísta; o imenso trabalho de conscientização política de catequizadores e educadores inspirados pela Teologia da Libertação e o núcleo guerrilheiro, instalado em Chiapas desde 1983, que fazia parte de uma organização mais antiga e de porte nacional: as Forças de Libertação Nacional. Nos estatutos da FLN pode-se encontrar a opção pelo socialismo, que Marcos e os atuais zapatistas tendem a matizar, bem como referências à “ditadura do proletariado”, ao “combate ao imperialismo estrangeiro” e outras fórmulas do mais tradicional jargão revolucionário-comunista típico dos anos sessenta e setenta. Uma das interpretações da mudança de discurso e orientação ideológica do movimento assinala que o contacto desse núcleo guerrilheiro, branco, de origem urbana e na maior parte universitário, com os indígenas chiapanecos forçou uma guinada ideológica pela simples razão de que seu esquema interpretativo e revolucionário não ‘colava’ com os índios.

¹⁰ RAMONET, Ignacio. *Marcos: la dignité rebelle – conversations avec le sou-commandant Marcos*. Paris, Galilée, 2001. p. 50-51.

Foi a partir do encontro com as comunidades indígenas, cujo símbolo é o Velho Antônio (um experiente líder indígena que mesmo após sua morte continua “aconselhando” o subcomandante), que os guerrilheiros tiveram que parar de falar e começaram a ouvir, abandonando vários dos clássicos esquemas interpretativos provindos do marxismo revolucionário e incorporando as práticas organizativas e o pensamento indígena. Ao que parece essa guinada e subordinação “indigenista” causam turbulências nas FLN provocando o abandono de vários componentes da guerrilha. De qualquer forma, é desse “sincretismo político” que mescla ideologias revolucionárias de tradição comunistas, como o maoísmo e o guevarismo, com a tradição organizativa e ‘cosmovisão’ indígenas que se forma lentamente a atual insurgência zapatista. Essa incorporação do elemento indígena que, por exemplo, tanto contribuiu para a bem-sucedida fórmula dos comunicados zapatistas, tornou a orientação ideológica do movimento indeterminada e em muitos sentidos mais próxima da tradição libertária: autogestionária, crítica ferrenha do estado e dos partidos políticos, valorizando mais a rebeldia social do que a revolução política. O próprio subcomandante Marcos já se disse “culpado pelo crime de anarquismo”.¹¹ O quanto essa aparência reflete uma postura real e quanto de imagem e função tática ela tem é algo difícil de dizer, o fato é que muito da solidariedade internacional ao zapatismo é oriunda de círculos de algum modo ligados ao pensamento libertário e ao anarquismo.

Apesar da crítica, encontramos nos escritos zapatistas uma forte influência, ideológica e retórica dos movimentos revolucionários, especialmente os de inspiração guevarista: “É preciso abandonar o amor pela morte e a fascinação pelo martírio. O revolucionário ama a vida, sem temer a morte, e tenta fazer com que a vida seja digna para todos, e se tiver que pagar com a morte, o fará sem dramas e vacilações”,¹² respondeu o subcomandante a um menino que lhe escrevera em 1994. A solenidade dos comunicados e algumas fórmulas bem características do jargão revolucionário ainda se fazem presentes nos primeiros comunicados e nos comunicados, que apesar de redigidos por Marcos, eram assinados pelo *Comitê Clandestino Revolucionário Indígena*.

Além dos escritos e discursos do Che Guevara, de Fidel Castro, da guerrilha sandinista e salvadorenha, uma influência fundamental, tanto teórica como prática, para os

¹¹ OPPENHEIMER, Andrés. México: en la frontera del caos – la crisis de los noventa y la esperanza del nuevo milenio. México, Javier Vergara Editor, 1996, p. 269.

¹² “Para que no sean necesarios los soldados”. In: *EZLN: documentos y comunicados*. (vol. 1). Op. cit. p. 191.

zapatistas encontrava-se nos manifestos do Exército Guerrilheiro dos Pobres (EGP), a guerrilha guatemalteca. Essa organização revolucionária foi uma das primeiras que incorporou massas de indígenas – maias-quiché do mesmo “tronco” que os zapatistas mexicanos – num movimento de inspiração marxista. A questão indígena aparece aqui, como antes em Mariátegui, ressaltada:

Os opressores dos indígenas guatemaltecos, os de antes e os de agora, acreditaram erroneamente que a servidão, a exploração ou a marginalização afetariam o espírito de resistência dos povos maia-quiché e que suas características sociais e culturais desapareceriam com o tempo e finalmente seriam absorvidas e digeridas pelo sistema. Erro profundo e fatal; essas condições acumularam e fortaleceram os fatores de identidade própria dos povos indígenas, e a acumulação de sua surda rebeldia tem aumentado, de tal maneira que sua magnitude atual não pode mais ser ignorada, como fator catalisador, tendo se transformado, por outro lado, em um elemento decisivo para o futuro de nosso país.¹³

O antropólogo Carlos Lenkersdorf que buscou compreender a cosmovisão indígena através do estudo de sua língua, procura demonstrar a enorme importância da palavra para os povos de origem maia. Ele focou a língua tojolabal. “Tojol” pode ser traduzido por “palavra, língua, idioma” e “àb'al” por “verdadeira, autêntica, genuína”.¹⁴ De fato, os zapatistas se definem, apenas para ficar com alguns exemplos, como “os que falam flores”, “os que cantam e crescem a palavra antiga”, “os que falam a palavra legítima”, “os que trabalham a palavra”, “os que já não são mais silêncio”.

Massimo Di Felice escreve que “no interior da simbologia mística dos descendentes dos maias, a palavra pode assumir um valor profético, revelador de novos acontecimentos, criando uma nova perspectiva, uma nova visão da realidade e das coisas”.¹⁵ De fato, várias vezes o discurso de Marcos é explicitamente profético (ele mesmo utiliza a expressão) e algo milenarista:

¹³ “Manifesto internacional do EGP de 1979”. In: LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 364.

¹⁴ LENKERSDORF, Carlos. *Los hombres verdaderos: voces y testimonios tojolabales*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1996.

¹⁵ DI FELICE, Massimo; MUNÓZ, Crustobal (orgs). *A revolução invencível: cartas e comunicados do subcomandante Marcos e Exército Zapatista de Libertação Nacional*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998, p. 22.

Não morrerá a flor da palavra. Poderá morrer o rosto oculto de quem a nomeia hoje, mas a palavra que veio do fundo da história e da terra já não poderá ser arrancada pela soberba do poder.

Nós nascemos da noite. Nela vivemos. Morremos nela. Porém a luz será manhã para os demais, para todos aqueles que hoje choram a noite, para quem o dia é negado, para quem a morte é uma dádiva, para quem a vida está proibida. Para todos, a luz. Para todos, tudo. Para nós, a dor e a angústia. Para nós a alegre rebeldia. Para nós, o futuro negado, a dignidade insurrecta. Para nós, nada.¹⁶

Bem definido por Michael Löwy, o zapatismo é:

Um movimento em dissidência contra o neoliberalismo, e que almeja, em sua modesta escala, um reencantamento do mundo. É um movimento portador de magia, de mitos, de utopias, de poesia, de romantismo, de entusiasmos, de esperanças loucas, de “mística” – no sentido que lhe dava Charles Peguy, opondo-o à “política” - de fé. Ele é também cheio de insolência, de humor, de ironia e de auto-ironia. Não há contradição: como dizia Lukács, em *A teoria do romance*, a ironia é a mística de épocas sem deus.¹⁷

Não resta dúvida da sofisticação intelectual dos escritos de Marcos. O relativismo lingüístico, a multiplicidade de formas de linguagem, que faz com que em um escrito encontremos traços de gêneros literários diversos como ensaio, conto, lenda, linguagem oral, coloquial, humorística, infantil, confissão, poesia, profecia e documento tornando sua literatura difícil de enquadrar. Segundo Di Felice: “o sincretismo estilístico vira conteúdo, na medida em que nos comunicados juntam-se mundos simbólicos e códigos diferentes, realizando na forma literária a utopia de uma nova sociedade onde ‘caibam todos os mundos’”.¹⁸

Aqueles que acham que pelas citações conhecemos a “alma do texto” têm uma pista do “time” de Marcos: Dante Alighieri, Ésquilo, Aristófanes, Sun Tzu, Lewis Carroll, Umberto Eco, José Saramago, García Márquez, Paul Eluárd, Jorge Luis Borges, Federico García Lorca, Cervantes, Tomás Segovia, Mario Vargas Llosa, Fernando Pessoa, Pedro Salinas, Juan Ángel, Conan Doyle, Manuel Vázquez Montalban, G. K. Chesterton, Quevedo y Villegas, Pablo Neruda, Julio Cortázar, Walt Withman, Juan Rulfo, Lucas Alamán, Manuel Scorza, Enrique Krauze, John Berger, Carlos Fuentes, Adolfo Gilly, Carlo

¹⁶ “Cuarta Declaración de la Selva Lacandona”. In: *EZLN: documentos y comunicados* (vol. 3). Op. cit. p. 80.

¹⁷ LÖWY, Michael; BENSÁID, Daniel. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000, p. 200.

¹⁸ DI FELICE (1998) Op. cit. p. 24.

Ginsburg, Eduardo Galeano, J. M. Serrat, Joaquín Sabina, Antonio Machado, José Revueltas, Ernesto Sábato e Che Guevara.

Sua formação intelectual demonstrou-se sólida desde o primeiro dia do levante quando respondeu perguntas de assustados jornalistas e turistas de San Cristóbal de Las Casas em inglês e francês. Marcos fala também pelo menos três línguas indígenas. Sobre o amor de Marcos aos livros e sua formação, escolhemos um trecho de uma entrevista sua concedida ao escritor Gabriel García Márquez e publicada no jornal *O Globo*, em 25 de março de 2001:

Gabriel García Márquez: Em meio a todos esses problemas, o senhor ainda tem tempo para ler?

Marcos: Claro. O que fazemos? Nos exércitos de antes, o militar aproveitava o tempo para limpar sua arma. No nosso caso, como nossas armas são as palavras, temos que estar com o nosso arsenal o tempo todo.

G.G.M: Tudo o que o senhor diz e a forma como diz demonstram uma formação literária muito séria e muito antiga. Como ela foi construída e de onde saiu?

Marcos: Tem a ver com nossa infância. Em nossa família, a palavra tinha um valor muito especial. A forma de ver o mundo era através da linguagem. Não aprendemos a ler na escola, mas lendo jornais. Meu pai e minha mãe nos davam logo livros que permitiam enxergar outras coisas. De uma ou de outra forma, adquirimos a consciência da linguagem não como uma forma de comunicar, mas de construir algo. Como se fosse um prazer mais do que um dever. Quando vem a etapa das catacumbas, para os intelectuais burgueses a palavra não é o mais valorizado, fica relegada a um segundo plano. Mas, quando chegamos às comunidades indígenas, a linguagem chega como uma catapulta. Você se dá conta de que te faltam palavras para expressar muitas coisas e isso obriga a um trabalho sobre a linguagem; voltar uma e outra vez sobre as palavras para armá-las e desarmá-las. (...) às vezes havia feira do livro nas zonas rurais e era quando podíamos conseguir algo. García Márquez, Fuentes, Monsiváis, Vargas Llosa (independente de como pense), para mencionar alguns dos grandes nomes que me chegaram por meus pais. “Cem anos de solidão” era para explicar o que era o interior de então. “A morte de Artemio Cruz”, o que tinha acontecido na revolução. “Dias de guardar”, o que estava acontecendo na classe média. Estávamos saindo para o mundo da mesma forma como estávamos saindo para literatura. Isto nos marcou. Não víamos o mundo através das notícias do telex, mas através de um romance, ensaio, um poema.

Perguntado sobre qual livro político as jovens gerações deveriam consultar, Marcos respondeu “principalmente para a realidade política mexicana, Cervantes, sem dúvida”.¹⁹ É a partir desta “chave literária” que entendemos outro personagem inesquecível que acompanha os diálogos imaginários e a produção literária do subcomandante: o escaravelho erudito e profundo conhecedor de economia “o ilustre Dom Durito de la Lacandona, representante máximo da mais nobre profissão que qualquer ser humano desempenhou: a cavalaria andante”.²⁰ O guerrilheiro que, além de dividir a contra-gosto o pouco fumo com o inseto arrogante, lhe serve de humilde escudeiro. Em troca o escaravelho compartilha de sua sabedoria. E Marcos não foi o primeiro a ter o privilégio de seus ensinamentos:

Sherlock Holmes era um inglês que aprendeu comigo a juntar detalhes aparentemente intranscendentais, a uni-los em uma hipótese e a buscar novos detalhes para confirmá-la. É um simples exercício de dedução como os que eu praticava com meu aluno Sherlock Holmes, quando saíamos de farra pelos bairros pobres de Londres. Ele poderia ter aprendido mais comigo, mas foi embora com um tal Conan Doyle, que prometeu-lhe a fama. Não sei o que aconteceu com ele.²¹

Aplicando “sofisticadíssimos” métodos de apreensão do fenômeno social, o “escaravelho andante” define a verdadeira natureza do neoliberalismo:

A verdade é que, como eu descobri, o neoliberalismo é a caótica teoria do caos econômico, a estúpida exaltação da estupidez social e a catastrófica condução política da catástrofe.²²

E, após uma baforada no seu cachimbo e outras considerações, continua o sábio inseto sua “aula” ao atônito guerrilheiro:

Elementar, meu caro Watson! Existe um elemento invisível no gabinete, um personagem que, sem se tornar evidente, dá coerência e sistematicidade a todos os relinchos da equipe do governo. Um chefe a

¹⁹ Jornal O GLOBO, 25 de março de 2001.

²⁰ Uma antologia dos contos sobre o “escaravelho-cavaleiro” encontra-se em: SUBCOMANDANTE MARCOS. *Don Durito de la Lacandona*. México, Centro de Información y Análisis de Chiapas, A.C. (CIACH), 2005.

²¹ “El neoliberalismo, caótica teoría del caos económico, 20 de julio de 1995”. In: *EZLN: documentos y comunicados* (vol. 2). Op. cit. p. 415.

²² Idem. Ibidem. p. 418.

cujas ordens todos se sujeitam. Inclusive Zedillo. Isto é, existe um “X”, verdadeiro condutor político do país em questão...

Mas... quem é o misterioso “Senhor X”? – pergunto, sem poder esconder o tremor que sacode meu corpo ao pensar que poderia ser...

Salinas? Um pouco pior... – responde Durito, ajeitando os papéis.

Pior do que Salinas? Quem é ele?

Negativo. Não é “ele”. É uma “ela” – responde Durito aspirando seu cachimbo.

Uma “ela”?

Correto. Chama-se “Estúpida” e seu sobrenome é “Improvisação”. E preste atenção ao que eu estou dizendo: “estúpida improvisação”. Porque você deve saber, meu caro Watson, que existem improvisações inteligentes, mas este não é o caso. A “Senhora X” é a estúpida improvisação do neoliberalismo na política, o neoliberalismo transformado em doutrina política; isto é, a estúpida improvisação administrando os destinos deste país... e de outros... Argentina e Peru, por exemplo.

Então você está insinuando que Menem e Fujimori são a mesma coisa que...

Não estou insinuando nada. Estou afirmando. Basta perguntar aos trabalhadores argentinos e peruanos. Estava analisando o Yeltsin quando acabou o fumo.

Yeltsin? Mas... você não estava analisando o gabinete do governo mexicano

Não, não era só o mexicano. O neoliberalismo, como você deve saber, meu caro Watson, é uma praga que ataca toda a humanidade. Como a Aids. É claro que o sistema político mexicano tem uma estupidez encantadora, que é difícil resistir. No entanto, todos esses governos que despovoam o mundo têm algo em comum: todo o seu sucesso baseia-se na mentira e, portanto, sua base é tão sólida como o banquinho onde está sentado.²³

As “Declarações da Selva Lacandona” são documentos essenciais na construção do discurso e da ‘ideologia’ dos zapatistas. Existem, porém, inúmeros outros escritos e ensaios, ora firmados pelo EZLN, ora assinados somente pelo subcomandante Marcos, que possuem grande importância para aqueles interessados nas concepções políticas dos zapatistas. Um exemplo destes escritos é o ensaio “A quarta guerra mundial já começou: a inútil unidade nacional que fragmenta e destrói nações”, de junho de 1997.²⁴ No manifesto, os zapatistas caracterizam a etapa neoliberal do capitalismo como uma guerra de conquista/reconquista de territórios fundamentada na revolução tecnológica da informática. O neoliberalismo seria como um “quebra-cabeça” que “fragmenta e destrói nações”. Utilizando o conceito de oxímoro, emprestado de Borges, Marcos define nossos tempos

²³ Idem. p. 418-419.

²⁴ EZLN: *documentos y comunicados* (vol. 4). Op. cit. p. 47-72.

como “globalização fragmentária”. Repleto de imagens fortes, mas contendo muita informação, num estilo que retoma a melhor tradição de manifestos do século XIX, o escrito propõe a construção de “7 peças para desenhar, colorir, recortar e tratar de armar, junto a outras, o quebra-cabeça mundial”:

A primeira é a dupla acumulação, de riqueza e de pobreza, nos dois pólos da sociedade mundial.

A outra é a exploração total da humanidade do mundo.

A terceira é o pesadelo de uma parte errante da humanidade.

A quarta é a nauseabunda relação entre Crime e Poder.

A quinta é a violência do estado.

A sexta é o mistério da megapolítica.

A sétima é a multiforme bolsa de resistência da humanidade contra o neoliberalismo.²⁵

Não só de elogios vive a escrita de Marcos. Ele recebe fortíssimas críticas por parte de adversários políticos e intelectuais que o acusam de uma infinidade de coisas: farsante, demagogo, melodramático e narcisista são apenas os mais recorrentes epítetos atribuídos ao “sub”. O guerrilheiro tem diversos escritos em que polemiza com o que ele chama de “direita intelectual e fascismo liberal”. O próprio Octávio Paz sentiu a virulência de Marcos após algumas declarações precipitadas sobre a natureza do zapatismo, logo após o levante.

No Brasil, o texto “*A quarta guerra mundial já começou*”, aclamados por gente como Antônio Cândido como “exemplos de literatura épica e militante, feita para mover os homens com o poder de convicção que nasce do exemplo e do respeito à verdade, de tal modo que a palavra se torna fermento de ação e de ideal”,²⁶ recebeu críticas fortes, como a de Nelson Ascher, publicada no jornal *Folha de São Paulo*, juntamente com o dito manifesto em de outubro de 1997:

O texto em si nada tem de excepcional, mas está à altura de um objetivo desses (encantar intelectuais franceses). Sua única falha relativamente grave é a conclusão “poética”. Mais do que ao bolero hispano-americano ou ao dramalhão mexicano, o “lirismo” envolvido remete especificamente ao tom “Disney de esquerda”, que, desenvolvido em Cuba e celebrado

²⁵ Idem. *ibidem*. p. 48.

²⁶ CÂNDIDO, Antonio. “A luta e a palavra”. In: BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. (org.) *CHIAPAS: construindo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 49.

pelo “Unicórnio Azul”, de Sílvio Rodríguez, não parece mais agradar a quem quer que seja.²⁷

Crítica que ilustra o nível de desqualificação que os escritos zapatistas são submetidos nesse conflito midiático.

O sarcasmo, a irreverência, o humor e a ironia dos textos de Marcos ficam mais evidentes nos *posts scripts*, os célebres “P.S.” que o subcomandante usa para mudar o tom dos discursos, adequando-se perfeitamente ao interlocutor, e mandando “recados certos” aos diversos setores da sociedade, do Estado e das forças armadas:

P.S. colaboracionista. Para colaborar con el golpe de Estado que el general José Gómez Salazar protagoniza en el Sureste mexicano, aquí mandamos una lista de otros involucrados (extranjeros, además) directamente en el movimiento armado de los transgresores de la ley. Como prueba de su participación se ofrecen libros de ellos encontrados en algunos campamentos “de los que se inconformaron”: Miguel de Cervantes Saavedra, William Shakespeare, Eurípides, Esquilo, Sófocles, Heráclito, Sócrates (vía Platón), Homero. Investínguelos!

Vale de nueve.

El Sup (Yepa, yepa, yepa! Ándale, ándale, ándale! Yepa, yepa, yepa!)²⁸

A ousadia chega aos limites da tensão quando, respondendo ao ultimato do Exército Federal Mexicano exigindo a rendição imediata dos insurgentes os zapatistas imprimem em letras garrafais a mensagem zombeteira:

Resposta ao ultimato do Exército Federal Mexicano que exige a imediata rendição dos rebeldes:

UYIII !!!

Comitê Clandestino Revolucionário Indígena
Comandância Geral do Exército Zapatista de Libertação Nacional
CCRI-CG - EZLN

Ou quando, em 15 de julho de 1998, depois de um silêncio de quatro meses que gerou especulações sobre sua saúde a até boatos sobre sua morte, Marcos responde:

Al Ejército Federal Mexicano:
Al Ejército Guatemalteco:

²⁷ ASCHER, Nelson. Melodrama da esquerda. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 de outubro de 1997. MAIS! p. 6.

²⁸ “Sobre la militarización, 9 de enero de 1998” in: *EZLN: documentos y comunicados*. vol. 4. Op. cit. P. 141.

A la INTERPOL en París:
Al CISEN en Polanco:
Señores:
Yepa, yepa, yepa!
Ándale, ándale, ándale!
Arriba, arriba, arriba!
Yepa, yepa, yepa!
Desde las montañas del sureste mexicano
Subcomandante Insurgente Marcos
(Alias “El Sup Speedy González” o lo que es lo mismo “la piedra en el zapato”)²⁹

O filósofo francês Régis Debray declarou Marcos “*o melhor escritor latino-americano da atualidade*”. Com certeza é uma afirmação exagerada. Talvez o poder magnético dos escritos de Marcos esteja justamente no caráter “não-literário” de seus escritos. Durante o século XX diversas vanguardas artísticas tentaram suprimir as facilidades da literatura. Guy Debord dizia que o dadaísmo quis suprimir a arte sem realizá-la e o surrealismo quis realizar a arte sem suprimi-la. O surrealismo tinha como objetivo conciliar o “transformar o mundo” de Marx com o “mudar a vida” de Rimbaud. Não foi muito feliz, no entanto. Seus representantes não conseguiram escapar das alternativas: niilismo e suicídio, misticismo, militância comunista ou literatura - “tagarelice” para alguns. O que nos comove, no caso de Marcos, é a história de alguém que para “transformar o mundo”, “mudou de vida” conciliando as armas: fuzil e caneta.

Temos a impressão de que Marcos é um escritor que só poderia ter como editora a rebelião. Completamente imerso na “realidade fantástica” do cotidiano latino-americano, realiza na vida sua literatura. Seus temas são os grandes temas da literatura do continente: origem, identidade e destino dos seus. Todos os seus escritos possuem um sabor urgente de documentos épicos (mas também profundamente humanos) e é impossível não compartilhar da condição de sua produção: o cotidiano precário e feroz de uma guerra de baixa intensidade. “Nos preparamos dez anos para morrer, não nos preparamos dez anos para falar”. Talvez essa aposta e engajamento totais, o risco, a improvisação e insolência de um escritor que tem a “pele em jogo” é que torne sua literatura mais viva e assombrosa, menos, por assim dizer, literária.

²⁹ “El subcomandante Marcos rompe el silencio de cuatro meses”. In: *EZLN: documentos y comunicados* (vol. 4). Op. cit. p. 195.

Referências

AVILÉS, Jaime; MINÁ, Gianni. *Marcos y la insurrección zapatista: la “revolución virtual” de un pueblo oprimido*. México, Editorial Grijalbo, 1998.

BUENROSTRO Y ARELLANO, Alejandro; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (org.) *CHIAPAS: construyendo a esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAM, Jorge Lora. *El EZLN y Sendero Luminoso: radicalismo de izquierda y confrontación político-militar en América Latina*. México, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 1999.

DE LA GRANGE, Bertrand; RICO, Maite. *Marcos, la genial impostura*. México: Aguilar, 1997.

DI FELICE, Massimo; MUNÓZ, Crustobal (orgs). *A revolução invencível: cartas e comunicados do subcomandante Marcos e do Exército Zapatista de Libertação Nacional*. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

EZLN: Documentos y comunicados. Tomos 1, 2, 3, 4 e 5 (de janeiro de 1994 a abril de 2001). Prólogo de Antonio García de León e Carlos Monsiváis. México, Ediciones Era.

FLORESCANO, E. *Memoria mexicana*. México: FCE, 2002.

FUSER, Igor. *México em transe*. São Paulo: Scritta, 1995.

GEPETTO, Luis Condearena. *Chiapas: el despertar de la esperanza*. México, Gráficas Lizarra, 1997.

GILLY, Adolfo. *Chiapas: la razón ardiente: ensayos sobre la rebelión del mundo encantado*. México, Ediciones Era, 1998.

GILLY, Adolfo; MARCOS, Subcomandante; GINZBURG, Carlo. *Discusión sobre la historia*. México, Taurus, 1995.

HARVEY, Neil. *La rebelión de Chiapas: la lucha por tierra y la democracia*. México, Ediciones Era, 2000.

LE BOT, Yvon. *Le rêve zapatiste*. Paris, Seuil, 1997.

LENKERSDORF, Carlos. *Los hombres verdaderos: voces y testimonios tojolabales*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1996.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.

LÖWY, Michael; Bensaïd, Daniel. *Marxismo, modernidade e utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

MONTEMAYOR, C. *Chiapas, la rebelión indígena de México*. México: Joaquín Mortiz, 1997.

OPPENHEIMER, Andrés. *México: en la frontera del caos – la crisis de los noventa y la esperanza del nuevo milenio*. México, Javier Vergara Editor, 1996.

RAMÍREZ, Gloria Muñoz. *EZLN: 20 y 10 el fuego y la palabra*. México: Monte Albán S.A., 2003.

RAMONET, Ignacio. *Marcos: la dignité rebelle – conversations avec le sou-commandant Marcos*. Paris, Galilée, 2001.

SUBCOMANDANTE MARCOS. *Don Durito de la Lacandona*. México, Centro de Información y Análisis de Chiapas, A.C. (CIACH), 2005.

SUBCOMANDANTE MARCOS. *Relatos del Viejo Antonio*. Centro de Información y Análisis de Chiapas, 1998.

SUBCOMANDANTE MARCOS; TAIBO II, Paco Ignacio. *Muertos incómodos (falta lo que falta)*. San Cristóbal de las Casas, Ediciones Piratas, 2005.

VARGAS, Sebastião. *A mística da resistência: culturas, histórias e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos*. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, USP, 2007.

VOS, Jan de. *Una tierra para sembrar sueños. Historia reciente de la Selva Lacandona*. México: FCE, CIESAS, 2002.

WOMACK, John. *Chiapas, el obispo de San Cristóbal y la revuelta zapatista*. México, Cal y Arena, 1998.